

EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE: CRIAR LAÇOS PARA ENCORAJAR

*Sérgio Gabriel de Castro Nepomuceno*¹ (UFG – sergio.gabriel@discente.ufg.br)

*Lilian Virgínia Pôrto*² (UFG – lilianporto@ufg.br)

*Sirlene Terezinha de Oliveira*³ (CEPAE – sirlenete@ufg.br)

Resumo:

Esta comunicação tem como objetivo descrever minha experiência enquanto professor regente durante a disciplina de Estágio 4 em Língua Francesa no CEPAE. A turma com a qual trabalhei durante esse período foi o 7º ano A, composta de 32 discentes, dentre eles, três, com necessidade de acompanhamento especial. Quanto ao conteúdo, decidi, em conjunto com a supervisão do estágio, por utilizar o material didático adotado pela escola, para dar continuidade ao fluxo do trabalho iniciado anteriormente. Assim, foi abordada a unidade 5 do livro *À la une I*, que trazia temas como rotina e espaço escolar, horários, adjetivos possessivos e interrogativos. Considerando o período proposto para regência, com apenas oito aulas previstas, inicialmente tive receio em relação aos laços que conseguiria construir com a turma, de modo a manter a figura de autoridade sem afastá-la, e, para isso, baseei-me nas considerações de Arnaud (2008) sobre a afetividade em sala de aula para desenvolver meu projeto de estágio. Para tal, procurei aplicar a metodologia direta com intervenções em português, tendo em vista o nível de todos e fazendo com que se sentissem à vontade e interagissem o máximo possível durante a aula. Na primeira aula, sugeri que cada estudante se apresentasse em francês para incentivar a expressão oral, mas também para que eu conseguisse identificar quem aparentava ser mais participativo ou mais tímido, por exemplo - uma simples frase de apresentação já foi suficiente, pois elementos como entonação, tempo de reação e intensidade da voz ajudaram-me a identificar a maioria. A partir daquele momento, procurei fazer com que toda a sala participasse por meio de questões e atividades que implicassem em uma troca ativa do momento de fala entre professor e estudantes durante a aula: eu fazia perguntas à turma, solicitava a leitura dos textos, corrigia as atividades no quadro e encorajava a repetição das respostas em voz alta. Ao longo das aulas, também evitei encarar os erros cometidos como algo ruim, e encorajava a turma a arriscar sem se preocupar com a resposta, pois repetia constantemente que o importante era participar. Ao longo do tempo,

¹ Estudante no curso de Letras – Francês na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. E-mail: sergio.gabriel@discente.ufg.br

² Doutora em Letras e Linguística. Docente da Área de Francês, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Atua nas áreas de Literatura Comparada e Estudos da Tradução. E-mail: lilianporto@ufg.br

³ Mestre em Linguística Aplicada pela UnB. Docente na área de francês do CEPAE-UFG. Atua nas áreas de ensino de línguas adicionais e na formação de professores. E-mail: sirlenete@ufg.br

mesmo os estudantes mais agitados e distraídos começaram a se sentir motivados a participar, por vezes até mesmo pedindo repetidamente para realizar as ações solicitadas durante as atividades. Para criar esse ambiente leve, procurei integrar-me com toda a classe por meio de interações não relacionadas ao conteúdo: antes da aula começar, perguntava sobre um livro que alguém estava lendo, algum filme que gostassem ou qualquer outro lazer. Isso fez com que eles se sentissem à vontade para falar de si e se sentirem encorajados para participar no momento da aula. Por fim, durante as oito aulas, senti que consegui me conectar com a maioria, inclusive com os discentes que apresentavam mais resistência no início, e isso permitiu com que as trocas em sala de aula fossem constantes, não restringindo o tempo de fala somente ao professor.

Palavras-chave: Afetividade; Conexão; Interação; Língua francesa.